

Declaração de Acropong

UMA DECLARAÇÃO SOBRE O EVANGELHO DA PROSPERIDADE **Documentos de Lausanne**

Grupo de trabalho Teológico de Lausanne *Da seção africana — Grupo de trabalho teológico de Lausanne*

Nas Consultas em Acropong, Gana, em 8-9 de outubro de 2008 e 1-4 de setembro de 2009

Nota: Esta é uma declaração, apresentada como início de debate para aprofundamento na reflexão (teológica, ética, pastoral e missiológica, sociopolítica e econômica) sobre o crescimento fenomenal do ensino da prosperidade no mundo em geral e na África em particular. Os pontos abaixo são uma sinopse de muitos pontos apresentados ao longo da discussão de três artigos, na consulta em outubro de 2008, e de dez, na de setembro de 2009.

Definimos o evangelho da prosperidade como o ensino que faz com crentes acreditem que têm direito às bênçãos de saúde e riqueza e que podem obter essas bênçãos mediante confissões positivas de fé e através da “semeadura de sementes” através do pagamento fiel de dízimos e ofertas. Reconhecemos que o ensino da prosperidade é um fenômeno que transcende barreiras denominacionais. O ensino da prosperidade, em vários graus, pode ser encontrado em igrejas protestantes históricas, pentecostais e também carismáticas. Tratamos aqui do fenômeno do ensino da prosperidade, não de alguma denominação ou tradição em particular.

Também reconhecemos que algumas dimensões do ensino da prosperidade têm raízes na Bíblia, e afirmamos abaixo esses elementos de verdade. Não desejamos ser exclusivamente negativos e reconhecemos as realidades sociais terríveis nos contextos em que esse ensino floresce e a medida da esperança que ele assegura aos desesperados. Mesmo reconhecendo esses aspectos positivos, ainda é nossa opinião geral que os ensinamentos daqueles que promovem com maior vigor o “evangelho da prosperidade” são falsos e distorcem severamente a Bíblia. A prática deles é com frequência antiética, sem manifestar nenhuma semelhança com Cristo, e o impacto sobre muitas igrejas é pastoralmente danoso, espiritualmente doentio e não só deixa de oferecer esperança duradoura, como até pode desviar as pessoas da mensagem e dos meios da salvação eterna. Em tais dimensões, pode ser objetivamente descrito como um falso evangelho.

Necessitamos de uma reflexão mais profunda sobre esses assuntos na Igreja Cristã e requeremos que o movimento de Lausanne se disponha a fazer uma declaração muito explícita, rejeitando os excessos do ensino da prosperidade, por serem incompatíveis com o cristianismo bíblico evangélico.

1. Afirmamos a graça e o poder miraculosos de Deus e nos alegramos com o crescimento de igrejas e ministérios que os demonstram e levam as pessoas a exercerem fé esperançosa no Deus vivo e em seu poder sobrenatural. Cremos no poder do Espírito Santo.

Entretanto, rejeitamos como não bíblica a noção de que o poder miraculoso de Deus pode ser tratado como algo automático ou à disposição de técnicas humanas ou manipulado por palavras, atos ou rituais humanos.

2. Afirmamos que há uma visão bíblica da prosperidade humana e que a Bíblia inclui o bem-estar material (tanto a saúde como a riqueza) em seus ensinamentos acerca da bênção de Deus. Isso exige estudos e explicações mais detalhados cobrindo toda a Bíblia nos dois Testamentos. Não podemos dicotomizar o material e o espiritual num dualismo não bíblico.

Entretanto, rejeitamos a noção não bíblica de que o bem-estar espiritual pode ser medido em termos do bem-estar material ou que a riqueza sempre é um sinal da bênção de Deus (visto que pode ser obtida por opressão, engano ou corrupção), ou que a pobreza, a enfermidade ou a morte prematura sempre são sinais de maldição divina, falta de fé ou maldições humanas (visto que a Bíblia nega explicitamente que isso sempre ocorra).

3. Afirmamos o ensino bíblico sobre a importância do trabalho árduo e o uso positivo de todos os recursos que Deus nos deu — habilidades, dons, a terra, educação, sabedoria, capacidades, riqueza, etc. E naquilo que alguns ensinamentos da Prosperidade encorajam essas coisas, podem ter um efeito positivo sobre a vida das pessoas. Não acreditamos num ascetismo não bíblico que rejeita essas coisas ou um fatalismo não bíblico que entende a pobreza como um destino contra o qual não se pode lutar.

Entretanto, rejeitamos, considerando perigosamente contraditória à graça soberana de Deus, a noção de que o sucesso na vida decorre inteiramente de nosso próprio empenho, luta, negociação ou astúcia. Rejeitamos aqueles elementos do Ensino da Prosperidade virtualmente idênticos ao “pensamento positivo” e a outras técnicas de autoajuda.

Também lamentamos ao observar que o Ensino da Prosperidade tem destacado a riqueza e o sucesso individual, sem a necessidade de prestação de contas à comunidade, tendo com isso corroído na prática um aspecto tradicional da sociedade africana: o compromisso do cuidado dentro da família estendida e na comunidade social mais ampla.

4. Reconhecemos que o Ensino da Prosperidade floresce em contextos de pobreza terrível e que, para muitos, é a única esperança, diante de frustrações constantes, do fracasso dos políticos e ONGs, etc., de um futuro melhor ou mesmo de um presente mais suportável. Ficamos revoltados com a persistência dessa pobreza e afirmamos a posição bíblica de que isso também ira a Deus e que não é da vontade dele que as pessoas vivam em pobreza tão abjeta. Reconhecemos e confessamos que em muitas situações a Igreja tem perdido sua voz profética na esfera pública.

Entretanto, não acreditamos que o Ensino da Prosperidade fornece uma resposta útil ou bíblica para a pobreza das pessoas entre as quais floresce. E observamos que muito de seu ensino vem de fontes norte-americanas em que as pessoas não são materialmente pobres do mesmo modo.

- *Ele enriquece muito os que o pregam, mas deixa multidões em condições financeiras não melhores do que antes, com o acréscimo do peso de esperanças frustradas.*
- *Ainda que destaque várias supostas causas espirituais ou demoníacas da pobreza, dá pouca ou nenhuma atenção àquelas causas que são de ordem econômica e política, entre elas a injustiça, a exploração, as práticas injustas de comércio internacional, etc.*
- *Assim, ele tende a vitimizar os pobres, deixando-os com o sentimento de que sua pobreza é consequência de sua própria culpa (o que a Bíblia não faz), ao mesmo tempo em que não enfrenta nem denuncia aqueles cuja ganância infligem pobreza aos outros (o que a Bíblia faz repetidamente).*
- *Alguns ensinos da prosperidade não têm relação alguma com o socorro aos pobres e não apresenta nenhuma resposta sustentável para as causas reais da pobreza.*

5. Aceitamos que alguns mestres da prosperidade procuram sinceramente usar a Bíblia para explicar e promover seus ensinos.

Entretanto, causa-nos aflição saber que muito do uso da Bíblia é seriamente distorcido, seletivo e manipulativo. Requeremos uma exegese mais cuidadosa dos textos e uma hermenêutica bíblica mais holística, e denunciaremos a forma pela qual muitos textos são arrancados do contexto e empregados de maneiras que contradizem alguns ensinos muito claros da Bíblia.

E, em especial, deploramos o fato de que em muitas igrejas onde o Ensino da Prosperidade é dominante, a Bíblia raramente é pregada de algum modo meticuloso ou explicativo; e o caminho da salvação, incluindo-se o arrependimento do pecado, a fé salvadora em Cristo para perdão do pecado, e a esperança da vida eterna, são mal interpretados e substituídos pelo bem-estar material.

6. Regozijamos com o crescimento fenomenal do número de cristãos confessos em muitos países em que as igrejas que têm adotado ensinos e práticas da prosperidade são muito populares.

Entretanto, o crescimento numérico ou megaestatísticas podem não demonstrar necessariamente a verdade da mensagem que os acompanha ou o sistema de crenças por trás deles. Popularidade não é prova de verdade; e é possível enganar grande número de pessoas.

7. Temos satisfação em observar que muitas igrejas e líderes são críticos e, em alguns casos, renunciam abertamente, cortando os laços com aspectos específicos de religiões primais ou tradicionais africanas e suas práticas, quando parecem estar em conflito com a revelação e a cosmovisão bíblicas.

Mesmo assim parece evidente que há muitos aspectos do Ensino da Prosperidade que têm suas raízes naquele solo. Nós nos perguntamos, portanto, se muito do cristianismo popular não seria uma superestrutura sincretizada sobre uma cosmovisão latente que não foi radicalmente transformada pelo Evangelho bíblico. Também nos perguntamos se a popularidade e atração do Ensino da Prosperidade é uma indicação da falha na contextualização do Evangelho na África.

8. Observamos que muitas pessoas testificam sobre como o Ensino da Prosperidade de fato causou um impacto positivo em suas vidas — encorajando-as a terem maior fé, a buscarem progresso nos estudos ou na vida produtiva. Nós nos alegramos com isso. Há grande poder nesse testemunho, e agradecemos a Deus quando qualquer de seus filhos desfruta de suas bênçãos.

Entretanto, observamos igualmente que muitos têm sido ludibriados por tais ensinamentos, chegando a uma falsa fé e falsas expectativas; e quando elas não são satisfeitas, “desistem de Deus” ou perdem totalmente a fé, deixando a igreja. Isso é trágico e deve ser muito doloroso para Deus.

9. Aceitamos que muitos mestres da prosperidade têm suas raízes principalmente em igrejas e tradições evangélicas ou foram criados sob a influência de ministérios paraeclesiais evangélicos.

Mas deploramos a evidência clara de que muitos deles se afastaram de princípios cruciais e fundamentais da fé evangélica, incluindo a autoridade e prioridade da Bíblia como a Palavra de Deus e a centralidade da cruz de Cristo.

10. Sabemos que Deus às vezes coloca líderes em posições de grande fama e influência pública.

Entretanto, há aspectos do estilo de vida e comportamento de muitos pregadores do Ensino da Prosperidade que consideramos deploráveis, antiéticos e francamente idólatras (ao deus Mamom), e em alguns desses pontos podemos ser chamados para identificar e rejeitar tais coisas como marcas dos falsos profetas, de acordo com os padrões da Bíblia. Entre elas:

- *Riqueza ostensiva e excessiva e estilos de vida extravagantes*
- *Técnicas antiéticas e manipulativas*
- *Ênfase constante no dinheiro, como se fosse um bem supremo — isso é Mamom*

- *Substituir o tradicional chamado ao arrependimento e à fé por um chamado a ofertar dinheiro*
- *Cobiça, que é idolatria*
- *Viver e comportar-se de maneiras completamente inconsistentes com o exemplo de Jesus e o padrão de discipulado que ele ensinou*
- *Ignorar ou contradizer o vigoroso ensino do Novo Testamento acerca dos perigos das riquezas e do pecado idólatra da ganância*
- *Não pregar palavra de Deus de modo que alimente o rebanho de Cristo*
- *Não pregar toda a mensagem do pecado, arrependimento, fé e esperança eterna do Evangelho*
- *Não pregar todo o conselho de Deus, substituindo-o por aquilo que as pessoas desejam ouvir*
- *Substituir o tempo para evangelismo por eventos e apelos para levantamento de fundos.*

Primeiro esboço do Rev. Dr. Chris Wright (presidente, grupo de trabalho teológico de Lausanne)

Editado por Rev. Dr. John Azumah (membro, grupo de trabalho teológico de Lausanne) em colaboração com Rev. Prof. Kwabena Asamoah-Gyadu, moderador das consultas de Acropong.

Isto é uma sinopse dos pontos coletados por muitos colaboradores por meio dos artigos escritos e das subsequentes discussões.